

CODINOME MACUMBA: A VIDA NA TENDA DE NAÇÃO AFRICANA DO PAI OXALÁ

**INGRID ADRIELLE DE SOUZA FREITAS SANTANA¹; CLÁUDIO BAPTISTA
CARLE²**

¹ Universidade Federal de Pelotas – ingridsantana_25@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cbarle@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO:

O presente resumo reflete o trabalho que vem sendo realizado em minha dissertação de mestrado em Antropologia - Área de concentração em Arqueologia, pela Universidade Federal de Pelotas. Ao defender minha monografia para obtenção do título de Bacharela em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, imaginava extremamente necessário a separação do meu eu cientista do meu eu, até então, umbandista, ainda que meu tema nesta mesma monografia fosse sobre a Umbanda.

A transição para a religiosidade batuqueira me fez transformar, além de crenças, meu próprio conceito do fazer ciência e como esta faz para se legitimar e para estudar minorias étnicas na arqueologia. A necessidade de trazer à tona nossos valores e discursos se fez presente na minha pós-graduação, mas eu não via, em termos tradicionais de produção de conhecimento na Arqueologia, metodologias ou teorias que pudessem me apoiar para abarcar nossa riqueza e diversidade. Pelo contrário, me defrontei com constantes exclusões e descaracterizações do meu coletivo, ao qual igualmente estudo.

Longe de descaracterizar a importância da preservação de elementos culturais, o que pretendo trazer à discussão é de que maneira podemos trazer ao meio acadêmico arqueológico aqueles que foram (e são) intencionalmente excluídos, caracterizados como não-humanos. Como poderíamos buscar histórias, propositalmente ignoradas, memórias que, até hoje, ainda não criam sentimento de empatia aos nossos colonizadores (e aos que se intitulam descendentes destes) a respeito de uma religiosidade afro-rio-grandense, em um estado que nega a existência negra e sua importância? Nós, batuqueirxs, temos tradição, histórias, materialidades que não são facilmente explicados pela maior parte das teorias e metodologias tradicionais na arqueologia. Tampouco nossas ontologias poderiam ser “traduzidas” a contextos moderno-ocidentais tradicionais por aqueles que não se permitem à afecção ou a compreensão das alteridades em suas particularidades. Como, então, revelar à Academia, discursos, sentimentos e pluriversos que não se encaixam no discurso hegemônico e cuja tradição se perpetua além das fronteiras ofertadas pela modernidade?

Sendo assim, trabalho com as materialidades vivas das estruturas sagradas do Batuque Gaúcho, tomando o cotidiano da Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá, localizada em Rio Grande- RS. Para tal análise, busco auxílio nas teorias pós-coloniais (SAID, 2007; SAID, 1996; HALL, 2010; GILROY, 2007; WOLFF, 2016), na virada ontológica (LATOURETTE, 2008;2013) e na arqueologia colaborativa (SILVA, 2012; GNECCO, 2009), já que se faz necessário não apenas reivindicar meu local de fala como entender elementos não-humanos como elementos agentes das relações sociais.

Meu objetivo é trazer mais simetria nas relações acadêmicas, compreensão e conhecimento a respeito de um coletivo estereotipado (HALL, 2010) e problematizar a respeito do local de fala e, demonstrar, pela minha própria experiência nos dois mundos- acadêmico e batuqueiro, como essa vocalidade ainda não está plenamente permitida a todxs. Procuro, assim, muito mais trazer à Academia distintos conhecimentos que os traduzir para enquadrá-los num contexto que, não apenas não nos representa, como também fez (e faz) questão de nos ignorar em nossa própria vocalidade e agência, nos deixando continuamente à margem da conclusão e interpretação dos dominantes – uma eterna tutela.

METODOLOGIAS:

Por me utilizar de uma Arqueologia Colaborativa (SILVA, 2012), na qual os coletivos estudados são agentes e possuem vocalidade exposta no trabalho, fui orientada pelos agentes (humanos e não-humanos) a não permanecer no recorte inicial da minha pesquisa: Batuque e suas relações com a morte. Meu recorte passou a ser, então, a *vida* na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá, onde sou iniciada, em especial do *caminho sagrado*. A *vida* aqui entendida, trata-se da vida social, no sentido que LATOUR (2008; 2013) nos explica: não somente contemplando a agência humana dos grupos, mas também todas as séries de interações com os elementos não-humanos e a *agência* destes últimos.

GONZÁLEZ-RUIBAL (2008), ao realizar sua crítica ao modo do fazer arqueológico e de lidar com a etnologia dentro da arqueologia, onde se realizavam estudos etnográficos a fins comparativos com outros povos (geralmente pretéritos), nos propõe que, ao invés de realizarmos uma etnoarqueologia, passemos a realizar uma *arqueologia do presente*. Desta maneira, podemos estudar as materialidades dos coletivos, suas relações com os agentes humanos e suas cosmovisões *neles mesmos*. É o exercício do *estar ali*, já não o de *olhar para ali* - como se o estudioso se constituísse em um ser onipresente e onisciente, legitimado por uma suposta objetividade científica, a qual é, antes de mais nada, extremamente subjetiva em sua origem.

Por *estar ali*, em todos os sentidos do meu trabalho, a minha proposta se encontra em uma perspectiva êmica e de afecção (FAVRET-SAADA, 2005), na qual busco construir, conjuntamente, conhecimento a respeito das estruturas materiais daquilo que denominei caminho sagrado¹. Tal afecção se faz necessária, pois sei que, caso não houvesse existido, muito daquilo que me foi revelado e permitido falar no cenário acadêmico, não o seria, especialmente por lidar com o Batuque Gaúcho². Ao me permitir ser afetada, muito daquilo que não seria percebido será ressaltado.

¹ Trata-se do percurso percorrido uma vez que nós, filhos da Tenda, devemos realizar antes de qualquer outra tarefa – incluindo a de cumprimentar uns aos outros. Uma ordem de cunho geográfico deve ser seguida, bem como as palavras e as ações para o sucesso deste percurso. Realizamos este caminho semanalmente, ao chegar na Tenda, mesmo que não estejamos ali para uma visita com fins religiosos.

² O Batuque, também chamado de Nação, trata-se de uma manifestação geralmente associada ao seu sentido religioso, mas que abarca toda e qualquer relação de quem o vive. Estas manifestações são de origem Gaúcha, atualmente se estendendo a outras localidades como, por exemplo, o Uruguai. Aqui temos a presença das Nações Cambinda, Jeje, Ijexá, Nagô, Oyó com maior intensidade. O Candomblé existe no Rio Grande do Sul, podendo ser de Nação Ketu ou Angola, mas ele não é considerado parte integrante do Batuque, já que fronteiras entre ambos são demarcadas no sentido êmico sem que, contudo, sejam de forma hierárquica.

Os agentes com os quais trabalho (humanos e não-humanos) acabaram por me guiar na escolha das metodologias a serem utilizadas: a arqueologia do presente (RUÍBAL, 2008) ou seja, uma etnologia arqueológica (WOLFF, 2016), onde utilizarei da experiência e relações em campo para compreender as materialidades vivas da Tenda; a arqueologia colaborativa, na qual a construção do conhecimento se realiza simetricamente (SILVA, 2012)., já que, mais que informantes, os atores (humanos e não-humanos) do meu trabalho estarão ativamente produzindo e trocando conhecimentos; pressupostos da virada ontológica para a compreensão das relações entre humanos e não-humanos e suas respectivas agências e a afecção em campo (FAVRET-SAADA, 2005), que permanece em todos os momentos da minha pesquisa, já que meu estudo vem por um viés êmico, de pertencimento e de identidade (HALL, 2010; GILROY, 2007), já que muito mais do que representar colonizadxs, eu sou parte integrante daqueles que a hegemonia moderno-ocidental, incluindo a Acadêmica, muitas vezes, insiste em ignorar e tutelar.

DISCUSSÕES:

Para realização do trabalho, o constante contato na Tenda Africana do Pai Oxalá³ desde 2015, a iniciação, o pertencimento e identidade enquanto mulher negra-de-pele-clara, me trouxe muitos impedimentos.

Compreendendo que, muito além de práticas essencialmente espirituais, as expressões culturais afroamericanas e suas respectivas religiosidades são também articulações de resistência, proponho uma análise que parta do pressuposto de que permanências, alterações, articulações com outras culturas, etnias e ontologias fazem parte de mecanismos que foram *ativamente formulados* e que se perpetuam ao longo do tempo, possibilitando, desta maneira, visibilidade às populações negras. Ou seja, tais manifestações são criações singulares em contextos do Novo Mundo e tem também suas particularidades locais.

Abordar o Batuque gaúcho não é promoção das nossas ontologias gratuitamente ou pregar nossas verdades frente à Academia. Não. Falar de Batuque, assim como de outros aspectos das *múltiplas culturas* negras, é, acima de tudo, uma ação política. É confrontar o olhar colonizador que nos subjugou e subjuga, seja em relações de uma sociedade que se declara moderna ou ante a própria ciência que é, por vezes, racista e marginaliza as diferenças.

A virada ontológica, no sentido de verificar a agência dos elementos não-humanos dentro dos mais diversos coletivos, incluindo o meu próprio, consegue realizar a crítica a respeito da separação dicotômica outrora realizada na ciência moderno-ocidental. A virada ontológica, no meu trabalho também possibilitará a explicação e evidenciação das nossas manifestações para que a lente acadêmica consiga entender nossa ontologia: afinal, os *boris* são os Orixás, as estruturas que diriam que os elementos sobre-humanos habitam são estes agentes e não o “representam”.

As represálias que sofri, dentro do próprio espaço acadêmico, que, insistindo em tutelar a alteridade, me fez não apenas problematizar a violência epistêmica e a falta de simetria das relações na academia (GNECCO, 2009), mas também sublinhar a importância da identidade e do local de fala ao realizar pesquisas de cunho social. Explicitar nosso local de fala nos possibilita evidenciar de onde estamos falando, nossos percursos e olhares e nossa intencionalidade. É a forma que encontro e luto

³ Localizada na cidade de Rio Grande – RS e que data mais de 60 anos de existência.

para que possamos fazer da ciência- em especial, a arqueologia, mais inclusiva e mais simétrica.

CONSIDERAÇÕES (EM NADA) FINAIS:

Ainda que tenha completo sentido êmico e de afecção (FAVRET-SAADA, 2005), traço um plano de ação do meu estudo. Não pretendo abordar por inteiro as relações do Batuque, mas sim as estruturas e objetos *vivos* presentes no *caminho sagrado* na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá. Trago desde minha graduação, a experiência de observação e afecção de quatro anos em três casas distintas. Pretendo também, através do diálogo e da *construção de conhecimento mútuo*, demonstrar essa vida e agência nos seres não-humanos, numa perspectiva êmica, escrita por uma batuqueira em participação com os elementos humanos e não-humanos. Sigo, desta maneira, o que Wolf (2016) chama de *etnologia arqueológica*.

Portanto, procuro demonstrar aqui a importância do estudo êmico e da relevância da vocalidade dos coletivos na análise de nossas próprias culturas para que não perpetuemos o velho círculo vicioso de exotização, universalização e marginalização daqueles que, ontologicamente, não compactuam da ontologia moderna e ocidental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. Tradução Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, n.13, p.155-161, 2005.
- GILROY, Paul. Identidade, pertencimento e a crítica da similitude pura. In: **Entre Campos**: nações, cultura e o fascínio da Raça. São Paulo: Annablume, 2007.
- GNECCO, C. Caminos de la Arqueología: de la violencia epistémica a la relacionalidad. Bélem: **Boletim do Museu Paranaense Emilio Goeldi**, 2009.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. De la Etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, J.; DOMINGO, I.; AZKÁRRAGA, J.; BONET, Helena (orgs). **Mundos tribales**: una visión etnoarqueológica. Museu de Prehistória de Valencia: 2008; pp. 16-27.
- HALL, Stuart. Identidad cultural y diáspora / El espectáculo del "otro". In: **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Bogotá: Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.
- LATOUR, B. 2008. Tercera Fuente de Incertidumbre: los objetos también tienen capacidad de agencia. In: **Reensamblar lo Social**: una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manantial, pp. 95-128.
- LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de antropologia simétrica; tradução Carlos Ireneu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2013 (3ª Edição).
- SAID, Edward. Introdução. In: **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAID, Edward. Representar al colonizado: los interlocutores de la Antropología. In: STEPHAN, Beatriz González (comp.). **Cultura y Tercer Mundo**: cambios en el saber académico. Caracas: Nueva Sociedad, 1996.
- WOLFF, L. S. Pinto. **Seres materiais entre sons e afetos**: uma etnografia arqueológica dos objetos em terreiras de Pelotas/RS. Dissertação de mestrado. Pelotas, 2016.